

## UM DESCAMINHO ESTÉTICO: A ARQUITETURA DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES NO RECIFE CONTEMPORÂNEO.

*AN AESTHETIC MISDIRECTION: THE ARCHITECTURE OF MULTIFAMILY BUILDINGS IN CONTEMPORARY RECIFE.*

*Pedro Henrique Cabral Valadares<sup>1</sup>*  
Faculdade Damas da Instrução Cristã

*Isadora Melo Bradley Bachmann<sup>2</sup>*

### Resumo

Este artigo tem como objetivo apresentar, de maneira reduzida, uma pesquisa feita pelos autores no ano de 2021. A pesquisa permeia pelo momento em que há incentivos construtivos na cidade, havendo um crescimento na especulação imobiliária, onde como dito por Pontual (2021) na entrevista fornecida aos autores, a arquitetura moderna recifense se firmou. No entanto, compreendendo a diversidade estética referida no período moderno, e observando a homogeneização da estética contemporânea, buscou-se conceber através dos projetos dos arquitetos modernistas e das incorporadoras contemporâneas, o universo estético da arquitetura de edificações multifamiliares, sendo o objeto central da pesquisa o descaminho estético que rumou a produção arquitetônica desses edifícios multifamiliares no Recife. Partindo da hipótese de que a pressão do mercado imobiliário por otimização de custos e prazos da construção e uma tentativa de atender com maior celeridade às demandas por novas habitações, bem como as mudanças nas legislações foram fatores que modificaram os rumos da estética que se observa hoje na cidade nesta tipologia de edificação. Para comprovação da hipótese, foi pesquisado o mercado e as soluções funcionais e estéticas de diversos projetos de ambos os períodos.

### Palavras-chave

Edificações multifamiliares modernistas. Edificações multifamiliares contemporâneas. Mercado imobiliário. Estética.

### Abstract

*This article aims to present, in a reduced way, a research carried out by the authors in the year 2021. The research permeates the moment when there are constructive incentives in the city, with a growth in real estate speculation, where, as stated by Pontual (2021) in interview provided to the authors, Recife's modern architecture has taken hold. However, understanding the aesthetic diversity referred to in the modern period, and observing the homogenization of contemporary aesthetics, we sought to conceive through the projects of modernist architects and contemporary developers, the aesthetic universe of architecture of multifamily buildings, being the central object of the research. the aesthetic deviation that led the architectural production of these multifamily buildings in Recife. Based on the hypothesis that the pressure of the real estate market to optimize construction costs and deadlines and an attempt to respond more quickly to the demands for new housing, as well as changes in legislation were factors that changed the direction of aesthetics that is observed today. in the city in this building typology. To prove the hypothesis, the market and the functional and aesthetic solutions of several projects from both periods were researched.*

### Keywords

Modernist multifamily buildings. Contemporary multifamily buildings. Real estate market. Aesthetics

---

<sup>1</sup> Doutor em Desenvolvimento Urbano. Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade Damas, Recife-PE. E-mail: pedro.henrique@faculdedamas.edu.br.

<sup>2</sup> Arquiteta e Urbanista, Recife-PE. E-mail: isadorab.bachmann@gmail.com

## 1. VERTICALIZAÇÃO E MODERNISMO

Seguindo a tendência de verticalização de grandes centros urbanos, a prática modernista foi se desenvolvendo e se aplicando a toda tipologia construtiva - pública, particular, residencial ou comercial. No entanto, Pereira (2018) afirma que por volta dos anos 1930, construções verticalizadas comportavam, em sua grande maioria, comércios, escritórios e órgãos públicos - como o edifício do Ministério da Educação e Saúde - enquanto que a altura de construções residenciais se limitavam às classes mais baixas como projetos de interesse social e cortiços, fator este que antipatizou parte da classe média com a ideia do das edificações verticais multifamiliares que, anos mais tarde, veio a se tornar comum para todas as classes.

No ano de 1929, no Rio de Janeiro, era inaugurado o Edifício Joseph Gire, sendo ‘A Noite’ seu nome mais popular. Projetado com 22 andares pelo arquiteto francês que dá nome ao edifício, que também foi responsável pelo hotel Copacabana Palace, juntamente com o brasileiro Elisiário Bahiana, a construção foi edificada através da nova tecnologia da época, o concreto armado. Com localização e altura privilegiadas na Baía de Guanabara, a edificação servia de mirante, ofertando aos visitantes uma vista até então surpreendente da cidade carioca.

No Recife, o início do processo de verticalização foi marcado também por um hotel, o Hotel Central, localizado no Bairro da Boa Vista. Inaugurado no ano de 1928, com características reminiscentes do ecletismo, com oito andares, manteve durante muitos anos o posto de edifício mais alto da capital. A construção da Avenida Guararapes, entre o final dos anos 1930 e meados dos anos 1940, incorporou a tipologia vertical que contribuiu para impulsionar a adoção de edifícios cada vez mais altos, inclusive para uso residencial multifamiliar.

Foi em 1943 que se inaugurou, no Rio de Janeiro, a edificação com 16 andares que viria a se tornar o marco da arquitetura moderna no país: a sede do Ministério de Educação e Saúde. Desenvolvido por Lúcio Costa e uma equipe de peso, contendo nomes como Niemeyer, e repleto de princípios corbusianos, o prédio possui planta livre, uma estrutura independente da fachada, panos de vidro, pilotis e terraço-jardim. Foi graças ao pensamento vanguardista do ministro da educação Gustavo Capanema, que carregava a pretensão de construir uma obra monumental e coerente com o que pensava ser o reflexo do século XX, a arquitetura moderna, que o prédio pôde ser desenvolvido sob esses princípios.

### 1.1 Verticalização multifamiliar

Continuando o uso da solução corbusiana de pilotis, entre 1944 e 1954, na capital carioca, Lúcio Costa assinava um projeto contendo três edifícios de oito pavimentos no Parque Guinle. Aproveitando também a solução das fachadas livres, o arquiteto aplicou “brises verticais associados a uma trama de elementos cerâmicos vazados, com desenhos variados, conferindo às fachadas um colorido suave e dinâmico, além da proteção contra o sol vespertino” (MENDES, VERÍSSIMO e BITTAR, 2015, p.221).

No Recife, o Edifício Inconfidência (**Figura 1**), residencial e também Sede da Delegacia do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários, era implantado no Bairro de São José, às margens do Rio Capibaribe. Projetado pelo arquiteto Carlos Frederico Ferreira, o edifício formado por dois blocos perpendiculares era destinado a funcionários do instituto com apartamentos duplex, sendo o primeiro e o segundo pavimentos destinados para o funcionamento da delegacia, e os outros pavimentos exclusivamente de uso residencial.



Figura 1 - Ed. Inconfidência, 1942 - Carlos Frederico Ferreira. Bairro de São José. Recife.  
Fonte: Batista (2021, n.p.)

Nota-se nos exemplos acima, bem como em edificações como o Edifício Esther, localizado em São Paulo e projetado por Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho, e o conjunto residencial do Pedregulho, de Affonso Eduardo Reidy, que havia até então uma predominância do uso misto nos edifícios que continham tipologias residenciais.

Um dos renomados edifícios modernos que foi “testemunha do crescimento de Boa Viagem e ponto de referência para quem vai à praia” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 2019), o Edifício Califórnia (**Figura 2**) segue o mesmo padrão. Projetado no ano de 1953 pelo arquiteto Acácio Gil Borsoi, o prédio é caracterizado por dois volumes que se sobrepõem, sendo o primeiro, ao nível da rua e predominantemente horizontal, destinado a comércio e serviços, sob um volume vertical que abriga o uso residencial. Localizado à beira-mar, as fachadas laterais e frontais da edificação recebem panos de vidro para apreciação da vista e circulação abundante de luz e vento, e na sua fachada oeste, de maior incidência solar, uma empena cega para diminuir o calor em excesso. Segundo reportagem do jornal Diário de Pernambuco (2019), foi graças ao uso misto do edifício que permitiu a sua permanência na cidade, pois conforme os serviços e comércios foram mudando e se adaptando às necessidades dos novos tempos, o interesse e o uso da construção também voltou a aumentar.



Figura 2 - Edif. Califórnia, 1953 – Borsoi. Boa Viagem, Recife.  
Fonte: Acervo Borsoi, 2021. n.p.

## 2. A FUSÃO DA VERTICALIZAÇÃO E DO MODERNISMO NO RECIFE

No Recife, o desenvolvimento urbano foi se expandindo para áreas pouco ocupadas da cidade, como o bairro de Boa Viagem que, até meados dos anos 1950 e 1960, era uma praia predominantemente de veraneio. As áreas escolhidas tiveram como objetivo principal a descentralização de moradias e atividades econômicas. Na beira-mar foram surgindo dezenas de moradias para as classes mais abastadas, principalmente em edifícios multifamiliares verticais.

Em 1954-1955, os boletins divulgam propagandas do novo conjunto residencial Banco Hipotecário Lar Brasileiro S.A, em Boa viagem, evidenciando o crescimento urbano e a ocupação crescente desta área da cidade, inclusive com a mudança do status de residências de veraneio para residências permanentes (NASLAVSKY, 2012, p. 41-42).

Apesar da tentativa de ocupação de outras áreas da cidade, é possível perceber que há uma predominância de edificações modernas entre os anos 1950 e 1960 em outros bairros como Casa Forte, Casa Amarela, Parnamirim, Aflitos etc. (NASLAVSKY, 2012).

O crescimento acelerado de edifícios tornou necessário o desenvolvimento de leis que guiassem essa nova lógica de ocupação da cidade. Segundo Naslavsky (2012), o código de obras recifense fora baseado no código de obras do Distrito Federal, além da contribuição do arquiteto Acácio Gil Borsoi para a formação do controle da lei, desenvolvendo fórmulas de parâmetros urbanísticos e construtivos e sugestões para uso e ocupação do solo.

Dentro desse cenário, observa-se a expressividade arquitetônica ganhando força tanto em edificações de uso público - governamental - como também nas construções de edifícios multifamiliares. No primeiro contexto, a linguagem estética e funcional adotada reverbera a mensagem de imponência e de prosperidade que o governo desejava transmitir. Quanto às edificações residenciais, a lei de uso e ocupação do solo visava a obtenção de melhores condições de aproveitamento dos lotes em paralelo com o bem-estar coletivo pelas exigências que atentaram para o conforto ambiental das unidades residenciais e dos espaços urbanos do entorno.

Outra característica que influenciou o que hoje se conhece da Avenida Boa Viagem teve autoria também do arquiteto Acácio Gil Borsoi, que consistiu em lotear o solo com terrenos estreitos e compridos, principalmente após a construção do edifício Acaiaca, projetado por Delfim Amorim e construído em 1957, cujo terreno tinha sua maior face paralela ao mar, condição rebatida na forma do edifício. Se os demais lotes mantivessem esta característica, haveria um menor número de edifícios na orla se comparado a um loteamento de terrenos estreitos e compridos, perpendiculares à linha do mar.

Visando um maior número de unidades habitacionais, o novo loteamento gerou prédios estreitos, com suas fachadas mais extensas voltadas para as laterais, o que obrigou os arquitetos a desenvolverem seus potenciais criativos para oferecer melhores condições de conforto térmico e de visadas para a paisagem. Além disso, Borsoi contribuiu também com um sistema percentual de compensação de afastamentos em que seria possível, mesmo com lotes mais estreitos, a implantação de edifícios verticais. Os cálculos de Borsoi permitiram não só uma quantidade maior de edifícios como também contribuíram com a especulação imobiliária crescente daquela região.

O edifício Acaiaca (**Figura 3**), projetado por Delfim Amorim, se tornou marco de referência na cidade pelas soluções arquitetônicas desenvolvidas. Marca registrada de Amorim, o edifício é revestido com azulejos brancos e azuis com padrão desenhado exclusivamente para a obra - uma fusão entre a tradição portuguesa e a insatisfação com a linha industrial de azulejos disponível à época. Sua fachada frontal é marcada por panos de vidro horizontais, privilegiando a vista de todos os quartos voltados para o mar, possuindo também peitoris ventilados que permitem

a aeração constante dos espaços internos, procedimento também típico do arquiteto e que era considerado de extrema importância, tendo em vista o clima quente e tropical do Recife.



Figura 3 - Edifício Acaiaca, 1957 – Amorim. Boa Viagem, Recife. Fonte: Recife Arte Pública (20--, n.p.).

Acácio Gil Borsoi não carregava consigo apenas a destreza técnica para o desenvolvimento de legislações, mas conduzia também seus projetos através dela, juntamente com a necessidade de causar emoção através da arquitetura (BORSOI, 2001). Em função disso, nota-se em seu acervo projetual uma grande variedade de arranjos compositivos, tanto pelos materiais distintos como pelo uso de materiais sem revestimento, como concreto e tijolo cerâmico, como também pelo trato com a volumetria da construção, além de soluções que visavam conforto ambiental, como o uso de brises, elementos vazados e peitoris ventilados.

Suas obras inauguraram no Recife uma fase em que os arquitetos transcendem a concepção predominantemente funcional do modernismo corbusiano com arranjos estéticos que se conciliavam com as novas necessidades programáticas e rompiam com a racionalidade das composições até então preponderante.

Localizado no bairro de Boa Viagem, na Rua dos Navegantes, o Edifício Mirage (**Figura 4**) projetado por Borsoi no ano de 1967 possuía a maioria de seus ambientes com orientação oblíqua em relação ao alinhamento do lote para proporcionar vista e ventilação diretas para o mar em todos os quartos, o que resultou numa planta que se distanciou bastante do cartesianismo vigente; a volumetria recortada ganhou ainda mais destaque com a variedade de materiais utilizados.



Figura 4 - Edif. Mirage, 1967 – Borsoi. Boa Viagem, Recife. Fonte: Lubambo, 2014

No cenário recifense, outros arquitetos se destacaram na produção de edifícios multifamiliares, a exemplo de Wandenkolk Tinoco, que assinou o chamado edifício-quintal, o residencial Villa Marianna, projetado no ano de 1976 para o bairro do Parnamirim (**Figura 5**), A principal característica da construção são seus jardins e jardineiras lineares, as quais desempenham a dupla função de amenizar a temperatura pela presença da vegetação e gerar sombra sobre as janelas. Essas jardineiras foram concebidas também para impedir a chuva nos ambientes, visto que tinham saliência suficiente para tal, o que permitia os moradores manter as janelas abertas durante as chuvas, se assim o desejassem.

Estes arquitetos compuseram um conjunto de protagonistas de uma arquitetura que se consagrou na cidade, com grande variedade de arranjos compositivos, de modo que tais arranjos se tornaram elementos que conferiam identidade e, por consequência, distinguibilidade.



Figura 5 - Edif. Villa Marianna, 1976 – Wandenkolk Tinoco. Parnamirim, Recife. Fonte: autora, 2021.

### 3. A VERTICALIZAÇÃO CONTEMPORÂNEA NO RECIFE

Em 1983, uma mudança na Lei de Uso e Ocupação do Solo passou a considerar elementos salientes no cômputo da área de construção, como varandas e guarda-roupas embutidos, o que restringiu a criatividade projetual dos arquitetos, visto que um apartamento de 80m<sup>2</sup> de área construída, mas com varandas, armários e jardineiras, sua área final chegava a cerca de 100m<sup>2</sup> ou mais, o que, em tese, seria vantajoso para o mercado e para o cliente. Esta alteração na lei impôs uma mudança no mercado, pois a área de construção de cada unidade habitacional, bem como seu somatório, era determinante no cálculo de vagas de garagem, valor de IPTU, preço de venda etc.

Este novo cenário impôs também uma demanda do mercado pela simplificação dos arranjos arquitetônicos, principalmente no sentido do que se passou, aos poucos, a se considerar dispensável, como brises, peitoris-ventilados, guarda-roupas embutidos, e uma considerável diminuição, em alguns casos, da área de varanda.

Aquele período, primeira metade dos anos 1980, se caracterizou pelo início de grandes mudanças no país, resultadas pelo desfecho do regime militar, o qual havia desempenhado iniciativas desenvolvimentistas diante de um acelerado crescimento demográfico. Houve uma considerável quantidade de construção de edifícios públicos, muitos de caráter monumental, brutalistas, símbolos de poder. Com a extinção do regime militar, a demanda por projetos governamentais caiu consideravelmente e o mercado imobiliário, em crescimento, passou a ser o principal cliente dos arquitetos, mas sem a necessidade de símbolos e representatividades plásticas através da arquitetura, visando cada vez mais a eficiência construtiva e o custo-benefício. Bastos e

Zein (2019) afirmam ainda que as mudanças na legislação de uso e ocupação do solo, de maneira generalizada no país, deixam brecha para o desenvolvimento desenfreado da construção civil, que disseminou uma arquitetura convencionada quase que totalmente sob custos e prazos. As autoras ressaltam ainda o caso Berrini, na cidade de São Paulo, onde o zoneamento do local promoveu a difusão da verticalização através de investidores de pequeno, médio e grande porte que se consolidaram no mercado da construção. “O caso em questão, trata de várias obras adjacentes compostas pelo mesmo grupo de empreendedores/arquitetos num curto período de tempo, levando a uma relativa homogeneidade de resultados” (BASTOS e ZEIN, 2015, p.269).

Existem algumas práticas quistas pelo mercado imobiliário que envolvem a racionalização da construção que merecem ser destacados. Uma delas, citada pelo arquiteto Carlos Fernando Pontual (2021), é uma conta matemática realizada de maneira muito simples quanto à área de revestimento que um prédio vai receber. Na **Figura 6**, exemplo citado pelo arquiteto, ambas as formas possuem a mesma área, no entanto, o perímetro composto pelas geometrias é diferente, uma quadrada (A), possui um perímetro de 16 metros, e a outra retangular (B), que possui 20 metros de perímetro. Essa diferença resulta num gasto maior ou menor de revestimento na fachada, sendo o menor gasto sempre o pretendido pelo construtor. Essa é a estética nomeada como “arquitetura sem rosto”, pasteurizada, mas com uma enorme aceitação da população graças às atividades efetivas de marketing e publicidades televisivas, como afirma Mendes, Veríssimo e Bittar (2015).

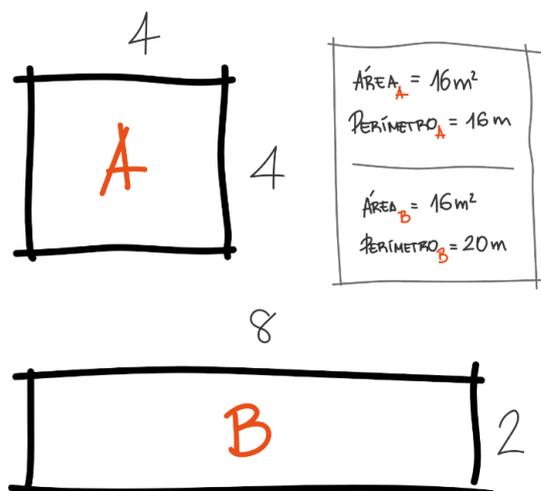


Figura 6 - Exemplo 01 - Área e perímetro. Fonte: autora, 2021

Pontual, tendo sido arquiteto da última fase do período modernista, juntamente com seu sócio Jerônimo Cunha Lima, projetaram o edifício Sparta em Jaboatão dos Guararapes, no ano de 1972, o qual recebeu um prêmio por um concurso promovido pelo Instituto dos arquitetos do Brasil (IAB). Os arquitetos confessam que a concepção flexível do projeto só foi possível graças ao perfil do cliente – um empresário e intelectual – que lhes deu total liberdade criativa. O projeto foi vendido com apenas 12 unidades, uma por andar, mas que graças às instalações independentes e às lajes duplas, o remodelamento dos ambientes internos poderia ser feito a qualquer momento (SILVA, 2020).

Já na edificação Studio Parque Prince, projetada por Pontual no ano de 1999, como o próprio nome sugere, é um empreendimento composto por um quarto, uma sala integrada à cozinha e ao serviço e um banheiro. Essa tipologia de apartamento, chamada ora de estúdio, ora de quitinete ou ainda flat, é bastante comum nos dias atuais, principalmente devido a algumas mudanças de hábitos na vida dos usuários, como estudantes vindos do interior do estado, casais

sem filhos ou pessoas que vêm de outras cidades e estados buscando uma moradia temporária. O espaço reservado para o ar-condicionado é locado abaixo das janelas e com uma reentrância, de maneira que a fachada permanecesse totalmente plana. O tratamento que as fachadas recebem consiste em marcações horizontais através de faixas de cerâmica branca, intercalando com faixas de cerâmica verde que demarcam a locação das janelas – que também são padronizadas (**Figura 7**).



Figura 7 - Edf. Studio Parque Prince, 1999 – Pontual Arquitetos. Graças, Recife. Fonte: google street view, 2021.

O edifício Morada Real da Torre (**Figura 8**), do ano de 2010, carrega consigo as mesmas soluções de fachadas predominantemente planas, com as caixas de concreto para os aparelhos de ar-condicionado locados nos quartos, as janelas em alumínio padronizadas, revestido de cerâmicas no tamanho 10cm x 10cm brancas, com algumas faixas de cinza e de vermelho.



Figura 8 - Edf. Morada Real da Torre, 2010 – Torre, Recife. Fonte: Google Street View, 2019

Volumes compactos, quase sem jogo de saliências e reentrâncias, com janelas de dimensões padronizadas, fachadas revestidas quase sempre com cerâmica em, no máximo, três cores, formam um conjunto de atributos predominantes na arquitetura dos atuais edifícios residenciais multifamiliares construídos no Recife nos últimos anos. Esta padronização, em que se replicam os mesmos arranjos estéticos, com variações quase que restritas ao desenho formado pela cerâmica, embora dentro de uma mesma lógica de traçado, se tornou produto, no sentido mercadológico do termo, homogeneizado de quase todos os escritórios de arquitetura que projetam edifícios no Recife.

#### 4. ESTUDO COMPARATIVO DA ESTÉTICA MODERNA VS CONTEMPORÂNEA

As mudanças da sociedade, de legislação, de hábitos resultaram em grandes mudanças entre as soluções funcionais e estéticas da arquitetura do período moderno até a contemporaneidade. Diante disso, se faz necessário um comparativo apontando as soluções de um período e de outro.

O uso de brises para proteção das janelas é uma solução consagrada pelo arquiteto modernista Armando de Holanda no seu livro *Roteiro para Construir no Nordeste*, no qual ressalta ainda a lição de Le Corbusier em projetar aberturas externas com projeções e quebra-sóis, para que, abrigadas e sombreadas, possam permanecer abertas (HOLANDA, 2018, p. 29). O edifício quintal, como é chamado por Fernando Diniz (2011) de Wandenkolk Tinoco, pode ser um dos melhores exemplos de como o arquiteto uniu duas funções no mesmo elemento, o brise, servindo como anteparo do sol e como jardineira (**Figura 9**).

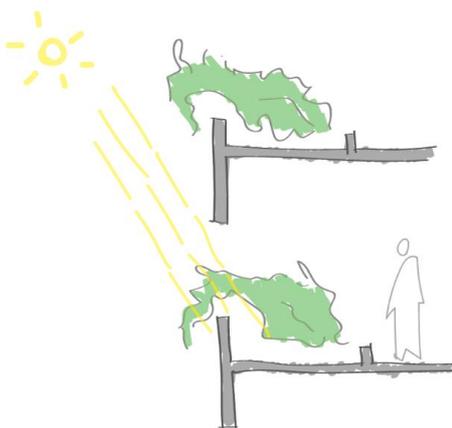


Figura 9 - Brises/jardim - Edf. Villa Mariana, 1976 – Wandenkolk Tinoco. Tamarineira, Recife. Fonte: autora, 2021.

No Edifício Villa Cristina, projetado por Wandenkolk Tinoco, foi desenvolvido um trabalho volumétrico minucioso gerado a partir das reentrâncias pelos volumes dos guarda-roupas na fachada. Há também uma demarcação horizontal predominante no prédio, a partir de brises que geraram uma jardineira de canto a canto em uma das fachadas e que a partir disso permitiu que suas janelas e caixas de ar condicionado não interferissem na fachada. A locação recuada das janelas permite salvaguardá-las da chuva e da incidência direta do sol. Em contraponto com o edifício projetado por Wandenkolk, localizado na Avenida Rosa e Silva, Zona Norte do Recife, o Edifício Jaqueira Park, da Construtora Queiroz Galvão, possui uma fachada completamente plana, apenas com as aberturas das janelas e das varandas, estas, rentes às fachadas e protuberâncias das caixas de ar condicionados. Quanto ao revestimento, duas cores foram escolhidas, branco e cinza, fazendo um simples desenho como uma tentativa de demarcar o alinhamento das janelas tanto horizontalmente como verticalmente.

A chamada Escola Pernambucana, nomeada dessa maneira a produção arquitetônica moderna do estado por Carlos Fernando Pontual (2021), primava por duas coisas básicas: a poética e a ética. O arquiteto afirma ainda que todos os projetos são feitos de “osso” e “pele” – numa associação com estrutura e fachada – onde com a atual legislação e exigências do mercado imobiliário, quando o “osso” é muito limitado, só resta trabalhar com a face plana da fachada, através de cores variadas do mesmo revestimento cerâmico. No caso da **Figura 10**, observa-se novamente essa planificação da fachada onde aparentemente só foi permitido realizar um trabalho

bidimensional com cores variadas de cerâmicas. Esse jogo de cerâmicas também pode ser observado na **Figura 11**, mas dessa vez desenvolvendo um desenho geométrico na fachada.

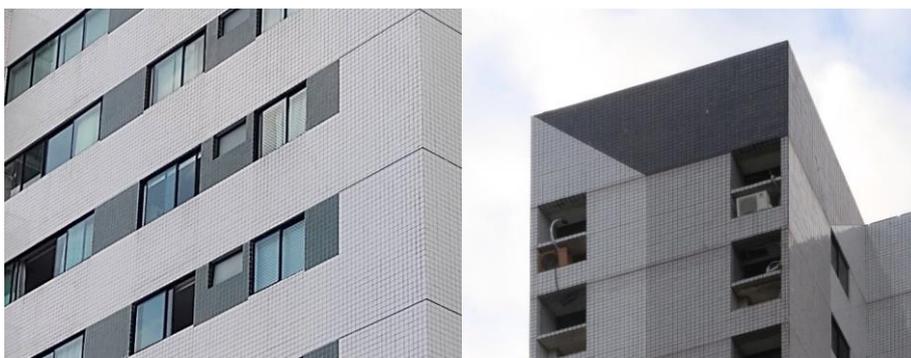


Figura 10 - Edf. Barão do Pirangi, 2007 –Figura 11 – Fachada Príncipe de Gales, Graças, Recife. Fonte: autora, 2021. 1991 – Parnamirim, Recife. Fonte: autora, 2021

É importante ter em mente que além das mudanças de legislação e de exigências do mercado, o modo de vida do usuário também sofreu modificações. É possível observar esse conjunto de fatores nas plantas dos edifícios Barão do Rio Branco (1968) e o Edifício Privilege Jaqueira (2018), possuidores de uma mesma forma básica, o quadrado, mas com 50 anos de diferença entre eles. O programa do primeiro exemplar, trata-se de um apartamento por andar, quatro quartos, sendo um suíte, sala de estar e jantar, varanda, cozinha e área de serviço com dois quartos e um banheiro, dentro de uma área de 222m<sup>2</sup>. O segundo, trata-se de uma lâmina de quatro apartamentos por pavimento, com três quartos cada um, sendo um deles suíte, sala de jantar, estar, varanda e cozinha integrada com serviço, variando entre 69 e 70m<sup>2</sup> a unidade do imóvel; totalizando uma lâmina com um pouco mais de 300m<sup>2</sup>. (**Figuras 12 e 13**)



Figura 12 - PB: Edf. Barão do Rio Branco. Fonte: Amorim (s.d.)



Figura 13 - Planta baixa: Edf. Privilege Jaqueira. Fonte: Gabriel Bacelar

O encolhimento da área do apartamento e das áreas de cada ambiente permitiu haver um número maior de apartamentos por pavimento. No primeiro caso, as reentrâncias e saliências oferecidas pelas varandas, pela demarcação dos pilares na fachada e pelo uso dos guarda-roupas embutidos dá à edificação personalidade, solução moderna que não se observa nas soluções contemporâneas; enquanto que no segundo exemplar, a reentrância entendida do volume é apenas

a caixa de escada do edifício, onde suas fachadas são quase que planas por inteiro.

Outro fator que é levado em consideração é a variedade com que a arquitetura moderna conseguiu expressar, mesmo sob as mesmas circunstâncias de legislação e exigências dos usuários. Para tanto, além de ressaltar cada edifício e de apontar suas soluções, para um estudo comparativo, se faz necessário adicioná-las dentro do contexto da cidade, como faz o Guia da Arquitetura Moderna do Recife, no quarteirão à beira mar da Avenida Boa Viagem, entre as ruas Eduardo Wanderley Filho e Padre Carapuço (Figura 14).



Figura 14 - Av. Boa Viagem entre nº 2486 e nº 2682. Fonte: Diniz (2016, 123b)

Os edifícios foram erguidos entre meados dos anos 1980 e o início dos anos 1990. Ambos com terrenos estreitos e compridos adotam a solução das áreas sociais de frente, com vista para o mar, as áreas íntimas na lateral sul, trecho com maior ventilação ao longo do ano, e as áreas de serviço na face norte. Com isso, num primeiro olhar a leitura das edificações dá a impressão de uma estética uniforme, tendo em vista a predominância das marcações horizontais. Apesar disso, quando o conjunto é observado com um pouco mais de atenção, nota-se a dinamicidade de volumes, variedade de materiais e cores, varandas e jardineiras cada uma à sua maneira e o coroamento particular de cada edificação.

Quando observado o edifício multifamiliar contemporâneo no contexto da cidade, apesar das variedades de necessidades é perceptível de maneira mais acentuada uma uniformidade entre os prédios. Levando em conta principalmente a padronização dos revestimentos, normalmente cerâmicas 10cm x 10cm na cor branca, com poucas variedades nas cores verde, azul e cinza. Mesmo possuindo formas diferentes, retangular, quadrada ou com o formato de olho, esses elementos não se sobressaem diante da mimese proporcionada pelos acabamentos (Figura 15).



Figura 15 - Vista do bairro da Torre/Madalena. Fonte: autora, 2017

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aparentemente, enquanto a moradia multifamiliar em edifícios verticais consistia em uma novidade, geralmente restrita a uma parcela privilegiada da sociedade, a criatividade na composição dos volumes dos edifícios ganhava ares de competição, em que os arquitetos se empenhavam em explorar os mais diversos recursos construtivos, estéticos e utilitários. Contudo, na medida em que esta tipologia construtiva se vulgarizou, sendo adotada em larga escala para qualquer camada da sociedade, a qualidade estética dos edifícios foi aos poucos se padronizando, inclusive por demanda do mercado imobiliário, que passou a adotar o discurso publicitário como mais importante do que as qualidades do projeto arquitetônico como chamariz.

Os arranjos concebidos por arquitetos como Borsoi, Tinoco, Vital Pessoa de Melo, entre outros, terminam por conferir aos edifícios uma identidade própria que lhes garantia unicidade, distinguibilidade, em meio ao crescente número de prédios, o que destoava, e muito, dos atuais modelos resultado de exigências de economia, nos quais a estética varia quase que exclusivamente pela alternância de cores dos revestimentos cerâmicos.

De maneira geral, diante do aspecto cada vez mais modesto dos edifícios residenciais, o mercado imobiliário, cada vez mais padronizado e econômico, é considerado um dos grandes, ou principais, responsáveis pelo que podemos aqui denominar descaminho estético dos edifícios residenciais multifamiliares no Recife.

Evidentemente, há exceções entre os edifícios da atualidade, mas em quantidade cada vez menor. O mercado imobiliário adquiriu grande poder de decisão sobre a criação do arquiteto, que, em muitos casos, se vê inibido de transcender o padrão imposto. Entretanto, pode-se avaliar que as condições mercadológicas talvez venham a ser a consolidação de um novo momento histórico que, de alguma maneira, poderá conduzir os arquitetos a desenvolver suas habilidades criativas e retomar a prática de conceber edifícios dotados de uma estética condizente com a essência criativa de quem os projeta, mas em um cenário diverso e de fortes restrições.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, M. A.; ZEIN, R. V. **Brasil: arquiteturas após 1950**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BORSOI, A. CONJUNTO INEZ ANDREAZZA. **Acácio Gil Borsoi**. Disponível em: <http://acaciogilborsoi.com.br/projetos-sociais/inez-andreazza/>. Acesso em: 01 dez 2021.

BRUAND, Y. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2018.

MENDES, F.; VERÍSSIMO, C.; BITTAR, W. **Arquitetura no Brasil: de Deodoro a Figueiredo**. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2015.

NASLAVSKY, G. **Arquitetura moderna no Recife 1949-1972**. Recife: E. da Rocha, 2012.

PEREIRA, M. ArchDaily. **Clássicos da Arquitetura: Edifício Esther / Álvaro Vital Brasil e Adhemar Marinho.**, 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/888147/classicos-da-arquitetura-edificio-esther-alvro-vital-brasil-e-adhemar-marinho>. Acesso em: 24 maio 2021.

PERNAMBUCO, D. D. Diário de Pernambuco. **Edifício Califórnia, em Boa Viagem, é marco de resistência**, 2019. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2019/05/edificio-california-em-boa-viagem-e-marco-de-resistencia.html>. Acesso em: 23 nov 2021.

SILVA, E. O. **ARQUITETURA PERNAMBUCANA: a produção do escritório Jerônimo & Pontual (1971-1996)**. Recife: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, 2020.